

M

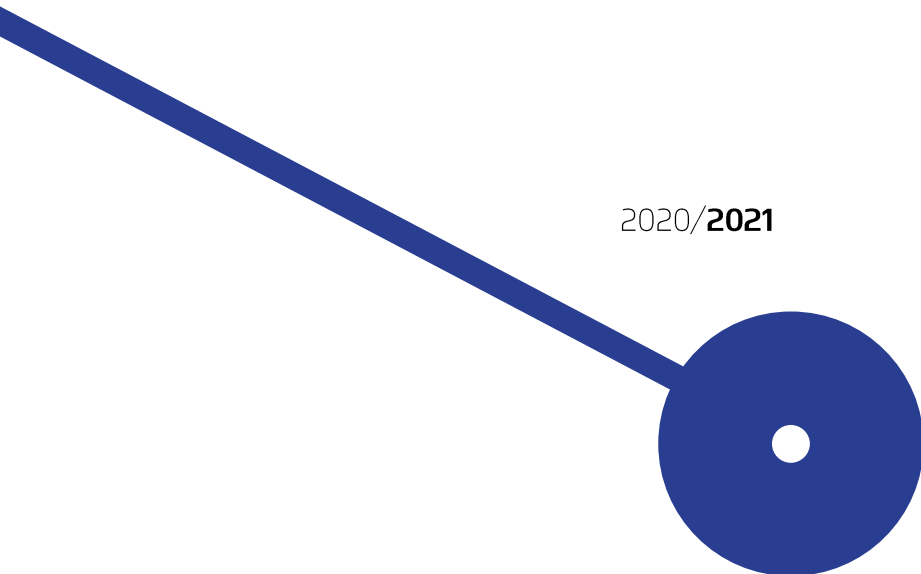
MESTRADO

Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Evolução da Educação Musical no 2º ciclo do Ensino Básico em Portugal nos últimos 40 anos

Jorge Emanuel Neves Carneiro Madureira

2020/2021



Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Jorge Emanuel Neves Carneiro Madureira

**Evolução da Educação Musical no 2º ciclo do Ensino Básico em
Portugal nos últimos 40 anos**

Relatório de Estágio

Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Orientação: Prof.^a Doutora Graça Boal-Palheiros

Porto, julho de 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a todos os professores que me marcaram e que me inspiraram a fazer sempre mais e melhor.

À professora Graça-Boal Palheiros, pela disponibilidade, orientação e incentivo.

Ao professor Carlos Graciano, pela paciência, sinceridade, partilha e apoio constante.

A todos os entrevistados que tiveram disponibilidade de participar no projeto de investigação.

Aos meus amigos, pela amizade, incentivo, companheirismo e pelo apoio constante. Em especial, à Inês Monteiro, Mafalda Fonseca, Isabel Barcelos, Rui Neto, Sofia Teixeira, Daniela Oliveira, Marco Silva e Gérson Jesus.

Por último, à minha família pelo apoio incondicional ao longo de todo este percurso.

RESUMO ANALÍTICO

O presente relatório foi realizado no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada, do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico.

O primeiro capítulo é constituído por uma breve caracterização da instituição da Prática de Ensino Supervisionada e das turmas envolvidas neste processo.

No segundo capítulo expõe-se uma reflexão fundamentada sobre a prática educativa desenvolvida, tendo por base a experiência adquirida durante as aulas observadas e lecionadas. Serão apresentadas ideias de alguns pedagogos sobre a prática de ensino em Educação Musical.

Por último, o terceiro capítulo apresenta o projeto de investigação desenvolvido ao longo do presente ano letivo, tendo como tema “Evolução da Educação Musical no 2º ciclo em Portugal nos últimos 40 anos”. O referido projeto tem como objetivo investigar que alterações ocorreram em termos de metodologia e material utilizado no ensino de Educação Musical no 2º ciclo em Portugal, averiguar acerca da motivação sentida pelos alunos em cada época a participar na aula de Educação Musical e perceber até que ponto os professores da disciplina estavam motivados a incentivar os alunos a criar música. A abordagem metodológica inclui uma entrevista realizada a oito participantes que lecionam ou lecionaram a disciplina de Educação Musical do Ensino Básico, onde se discute a sua experiência passada enquanto alunos da disciplina de Educação Musical no 2º ciclo do Ensino Básico.

As considerações finais permitem refletir sobre aspetos fundamentais da prática de ensino supervisionada e que estão conectados à prática profissional.

Palavras-chave: Educação Musical; Prática de Ensino Supervisionada; Música.

ABSTRACT

This report was prepared within the Supervised Teaching Practice in master's degree in teaching by Music Education in Basic Education. The first chapter consists of a brief characterization of the institutions of Supervised Teaching Practice's and the classes involved in this process.

The second chapter presents a reflection about the educational practice developed, based on the experience acquired during the observed and taught classes. Some pedagogue's ideas on the practice of teaching in Music Education will be presented.

Finally, the third chapter presents the research project developed throughout the current school year, with the theme "The evolution of Music Education in the 2nd cycle in Portugal in the last 40 years". This project aims to find out what changes have occurred in terms of methodology and material used in the teaching of Music Education in the 2nd cycle in Portugal, to understand if students from each period felt motivated to participate in Music Education class and to what extent subject teachers were motivated to encourage students to create music. The methodological approach includes interviews with eight participants who teach or have taught the subject of Music Education in Basic Education, where they discuss their experience while they were students of the subject of Music Education in the 2nd cycle of Basic Education.

The final considerations allow us to reflect on fundamental aspects of supervised teaching practice that underlie professional practice.

Keywords: Music Education; Supervised Teaching Practice; Music.

ÍNDICE

1.	OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA MUSICAL NO ENSINO BÁSICO	9
1.1.	ESCOLA BÁSICA AUGUSTO GIL.....	9
1.2.	A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MUSICAL NA EBAG	9
2.	PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	12
3.	PROJETO DE INVESTIGAÇÃO	23
3.1.	INTRODUÇÃO	23
3.2.	REVISÃO DE LITERATURA.....	23
3.3.	METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO.....	27
3.4.	DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	27
3.5.	CONCLUSÃO.....	30
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32

INTRODUÇÃO

O presente relatório foi realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto. Este é considerado um trabalho que representa todo o trabalho desenvolvido ao longo deste ano.

Este relatório está organizado em três capítulos: 1. Observação da Prática Musical no 2º ciclo do Ensino Básico, 2. Prática de Ensino Supervisionada e 3. Projeto de Investigação.

O primeiro capítulo apresenta uma pequena caracterização da Escola Básica Augusto Gil, onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada. São abordadas as metodologias e práticas utilizadas pelo professor cooperante e pelo meu colega de estágio, atividades realizadas com as turmas e o material utilizado ao longo de todo o ano letivo.

O segundo capítulo resulta numa narrativa pessoal sobre a minha experiência enquanto professor estagiário, as dificuldades que senti e que medidas e opções tomei ao longo de toda a Prática de Ensino Supervisionada. Aborda também o material que utilizei para apresentar cada tema de aula, nomeadamente peças, exercícios rítmicos e melódicos e também instrumentos musicais.

De modo a investigar quais seriam as melhores abordagens a ter nas aulas de Educação Musical, investiguei sobre a evolução da disciplina de Educação Musical no Ensino Básico nos últimos quarenta anos, onde aprendi o que fazer e o que não fazer, a que estratégias os alunos apresentam uma melhor resposta, onde sentem maior motivação e que características é que estes esperam de um professor de Educação Musical. Este Projeto de Investigação apresenta-se no terceiro capítulo.

No final deste relatório é apresentada a relação e conexão sobre os conhecimentos adquiridos ao longo da Prática de Ensino Supervisionada e do Projeto de Investigação.

1. OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA MUSICAL NO ENSINO BÁSICO

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) no 2º ciclo do Ensino Básico ocorreu na Escola Básica Augusto Gil, tendo como cooperante o Dr. Carlos Graciano e como professores supervisores a Prof.ª Doutora Graça Boal-Palheiros e o Dr. Jonas Araújo. Comecei o estágio por observar quatro turmas do 5ºano de escolaridade, lecionadas pelo professor cooperante. A partir de novembro, deixei de observar uma das turmas, pois realizei a PES nessa mesma turma até ao final do ano letivo.

1.1. ESCOLA BÁSICA AUGUSTO GIL

A Escola Básica Augusto Gil (EBAG) é uma escola pública que faz parte do agrupamento de Escolas de Aurélia de Sousa. As aulas de Educação Musical decorreram em duas salas para onde os alunos se deslocam sempre que têm a disciplina; cada uma destas salas está equipada com computador, instrumentos tradicionais, guitarra, piano, projetor, um quadro pautado, uma aparelhagem e colunas.

Na chamada sala “museu” podemos encontrar um piano de cauda e uma grande quantidade de instrumentos Orff como xilofones, metalofones, pandeiretas, clavas, bombos, jogos de sinos, maracas e adufes.

É costume realizarem-se concertos de Natal e de final de ano nessa sala, mas devido à pandemia era impossível juntar muitas pessoas na mesma sala e, por isso, optou-se por realizar o concerto final deste ano no recreio da escola.

1.2.A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MUSICAL NA EBAG

Num documento de nome “Gestão Anual do Programa 2020/2021”, o grupo de Educação Musical da Escola Básica Augusto Gil organiza o ano letivo, assinalando os objetivos e metas a cumprir. Neste sentido, tendo por base os conceitos de altura, forma, dinâmica, ritmo e timbre (ME, 1991),

são determinados os conteúdos que deverão ser abordados no decorrer de cada período letivo. A avaliação da disciplina é feita tendo em consideração, por um lado, os conhecimentos e capacidades dos alunos (valendo esta dimensão 80%) e, por outro, as atitudes e valores (que por sua vez representam 20% da nota final).

Dentro do domínio de conhecimentos e capacidades é contemplado a avaliação resulta de atividades musicais desenvolvidas nas aulas, com grande incidência na componente prática, sendo a componente teórica avaliada de uma forma integrada e contínua. No domínio das atitudes e valores, são contemplados os parâmetros de desenvolvimento pessoal e autonomia, relacionamento interpessoal e o bem-estar, saúde e ambiente.

Durante a minha observação das aulas do professor cooperante, os alunos respondiam melhor a atividades práticas de audição e interpretação. O professor cooperante utilizou maioritariamente instrumentos Orff, visto que este ano foi negado o uso de Flauta de Bisel na sala de aula pela Direção Geral de Saúde. O repertório utilizado era muito variado, de modo a ir ao encontro aos gostos dos alunos e do professor cooperante. O professor foi alternando entre repertório presente no manual e outro, abrangendo, assim, uma gama de estilos musicais desde a música erudita ao pop/rock.

Nas aulas que observei do meu colega de estágio, não foi utilizado repertório do manual: todas as seleções foram extras ao manual, procurando responder ao tema da aula que seria lecionado. O meu colega escolheu desde compositores como Mozart, Vivaldi e Bach, dentro do âmbito erudito, a Snarky Puppy e Muse, no âmbito da música pop/rock. Visitou também compositores portugueses como Amália Rodrigues, Os Azeitonas e Os Quatro e Meia.

O meu colega utilizou vários instrumentos musicais nas suas aulas, incluindo instrumentos Orff, guitarra, piano e, ainda, *boomwhackers*, que ele próprio disponibilizou à escola. Os *boomwhackers* foram o instrumento sensação da aula dele, os alunos ficaram fascinados pois não conheciam a sua existência e divertiram-se imenso a fazer música com este instrumento. Nas primeiras aulas, o professor colocou os alunos a cantar a escala diatónica, depois distribuiu e apresentou o instrumento aos alunos, explicou a técnica de como tocar o instrumento e, por último, pediu aos alunos que tocassem a nota que correspondia ao seu *boomwhacker* na escala diatónica.

Foram incluídos exercícios de improvisação e de composição. Em termos de improvisação, o estagiário utilizou uma peça de Jos Wuytack, que utiliza apenas a escala pentatónica, que os alunos tocaram nos xilofones, metalofones e jogos de sinos, alternando as mãos, ou seja: primeiro com a mão direita e, depois, esquerda, só mais tarde lhes pedindo para juntar as duas. Tratando-se de uma forma rondo, na parte A todos os instrumentos realizavam o mesmo acompanhamento e, na parte B, cada família de instrumentos improvisava à vez; enquanto uma família improvisava, as restantes continuavam o acompanhamento.

O tema composição foi abordado nas aulas *online*, onde foi pedido aos alunos que explorassem um programa informático de composição, de nome "Flat". Numa aula síncrona, o estagiário mostrou aos alunos exemplos de como utilizar o programa e, na aula assíncrona seguinte, pediu aos alunos que explorassem por si mesmos o programa e que lhe enviassem os seus trabalhos.

Para o concerto de final de ano, o estagiário escolheu duas canções de diferentes géneros. Na primeira canção, de nome "Cantoria dos Bichos", de Edino Krieger, foram utilizados *boomwhackers*, congas e instrumentos Orff, tais como xilofones baixos, altos e sopranos, e metalofone baixo. Foram escolhidos cinco solistas para cantar cada estrofe da canção. No início do ensaio do tema, os alunos começaram por aprender a parte instrumental e só mais tarde é que foram inseridas as vozes.

Na segunda canção, intitulada "E um ano passou", da autoria do meu colega de estágio Rui Neto, estiveram presentes *boomwhackers* e instrumentos Orff, tais como xilofones, metalofones e jogos de sinos. A metodologia utilizada para a aprendizagem da canção foi a mesma que para a primeira, mas também foi utilizada uma gravação para acompanhar nos ensaios.

Na apresentação final, os restantes colegas de estágio e o professor cooperante, também estiveram presentes e ajudaram no acompanhamento tocando piano, baixo elétrico e bateria.

2. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Quando comecei a Prática de Ensino Supervisionada (PES), fiquei surpreendido: comparando com a minha experiência de um ano em aulas de AEC (Atividade de Enriquecimento Curricular), os métodos observados, os exercícios e atividades realizadas, foram um abrir de olhos. O termo solmização, que era uma incógnita para mim, pois não sabia o que era, acabou por ser um dos exercícios que mais utilizei ao longo da minha PES.

Segundo Lee Shulman (1987) e Richard Arends (2012), é necessário haver conhecimento sobre técnicas educativas e saber refletir sobre a própria prática do professor pois o ensino é um processo de aprendizagem contínua de reflexão e transformação. De acordo com um estudo de Manny Brand (2009) e Richard Colwell (2011), um professor não pode apenas ter “competências pedagógicas e musicais, mas também características pessoais como liderança, comunicação e adaptabilidade” (Boal-Palheiros e Boia, 2020, p.120)

No início do ano, necessitei de pedir conselhos ao professor cooperante sobre o melhor método a utilizar para cada tipo de tema que seria lecionado e sobre a melhor forma de abordar a turma, procurando saber que tipo de trabalho é que, normalmente, os alunos gostam de realizar – conselhos estes que segui ao longo de todo o ano letivo.

A escolha realizada sobre os conteúdos, as atividades e o repertório resultou de uma combinação entre os requisitos dos programas curriculares da disciplina e as características dos alunos da turma, de forma a que houvesse sempre uma aprendizagem contínua e motivadora ao longo de toda a PES. A maior dificuldade encontrada foi tentar agradar sempre a todos os alunos, tendo tido de dividir gostos entre aulas para ninguém sair desmotivado.

No âmbito do repertório escolhido, tentei sempre variar utilizando vários géneros musicais de maneira a abranger o maior espectro possível: desde a música tradicional portuguesa à música coreana, passando por música clássica até ao pop e rock. Estas escolhas foram feitas de modo a proporcionar aos alunos experiências distintas e significativas tendo em consideração que “os alunos podem ser “sensibilizados” pela experiência musical. É este o objetivo fundamental da educação musical” (Swanwick, 1999, p.8).

Ao longo deste período de estágio, os alunos demonstraram interesse e curiosidade sobre as diferentes atividades e repertório apresentado nas aulas, fazendo perguntas sobre um certo excerto ou peça utilizado e mostraram um bom nível de motivação. Houve melhor resposta por parte dos alunos quando o repertório utilizado lhes era familiar. Procurei sempre ajudar a turma ao máximo criando uma ligação positiva e agradável com os alunos. Existiram momentos de partilha de conhecimentos onde os alunos partilharam os seus gostos e ideias com o resto da turma e com o professor.

Segundo Estelle Jorgensen (2020):

Responder à ansia por experiências musicais sentida pelos alunos, a dissociação e reintegração de sensibilidades musicais e literárias, a exploração de perspetivas críticas em relação à educação musical" ajuda os professores a ir à descoberta de "meios e fins humanos na sua atividade pedagógica"

Nem sempre foi fácil controlar a turma; por vezes, foi necessário interagir com os alunos de forma mais assertiva, chamando à atenção ou, até, impor regras, em certas atividades, para obter uma maior atenção dos alunos.

Durante este estágio, tive de ter em conta o grau de dificuldade apresentado em cada aula lecionada, adequando-o às capacidades dos alunos da turma. No início da prática, comecei por exercícios mais simples para perceber as diferentes características e dificuldades de cada um. Conforme as aulas foram passando, a dificuldade foi aumentando na medida em que os exercícios iam ficando mais complexos de forma a pedir mais dos alunos. Tentei criar peças mais acessíveis com as quais os alunos se sentissem confortáveis e conseguíssemos obter uma melhor qualidade musical, mas, por vezes, apresentava um nível de dificuldade maior, com o passar do tempo, para testar e aumentar as capacidades de cada um.

Segundo Hallam (2012, p.33), "quando um aluno conclui uma tarefa de aprendizagem com sucesso, esta terá um impacto na autoestima e na motivação, que será transportado para tarefas de aprendizagens posteriores". Tentei sempre não impor tarefas mais maçadoras e difíceis para que a motivação dos alunos não diminuísse.

Planificar as aulas da PES foi outro desafio. Foi a primeira vez que planifiquei todas as minhas aulas e tive várias dúvidas, mas foi, sem dúvida, uma ajuda imprescindível para cumprimento dos objetivos de aprendizagem propostos. Segundo o Decreto-Lei nº 241/01, o professor deve elaborar a sua planificação “de forma integrada e flexível, tendo em conta os dados recolhidos na observação e na avaliação, bem como as propostas explícitas ou implícitas das crianças” (DL 241/2001).

Durante toda a PES, as planificações seguiram a orientação metodológica proposta no Programa de Educação Musical do 2º ciclo de Ensino Básico (ME, 1991) com foco em três grandes áreas: Composição, Audição e Interpretação. “Criação e experimentação”, “Perceção sonora e musical”, “Interpretação e comunicação” e, ainda, “Culturas musicais nos contextos”, são outras palavras utilizadas para descrever as três grandes áreas apresentadas anteriormente, segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (ME, 2001).

Ambos os documentos abordam os conteúdos baseados nos elementos da música como o timbre, a dinâmica, a altura, a forma e o ritmo, embora, no programa do 2º ciclo, estes conteúdos estão apresentados em forma de espiral, separados por níveis tendo em conta a adaptação ao nível de ensino dos alunos (ME, 1991).

A composição e a improvisação foram os temas que primeiramente abordei nas minhas aulas, de modo a perceber o nível de pensamento crítico e criativo de cada aluno. Segundo Martins “a improvisação deve ser praticada em todas as idades e em todos os níveis de ensino porque é uma vivência pessoal e de grupo, insubstituível” (1987, p.7). De modo a abordar este tema, criei um arranjo em forma rondo em que, na parte A, todos os alunos tocavam um acompanhamento escrito por mim nos instrumentos Orff tendo eu acompanhado ao piano e, na parte B, cada família de instrumentos improvisava durante quatro compassos enquanto as restantes continuavam o acompanhamento. A maior dificuldade encontrada neste exercício foi a transição da improvisação para o acompanhamento. Percebi alguma dificuldade da parte dos alunos em sentirem o momento em que deviam voltar para o acompanhamento. Através da repetição do exercício durante algumas aulas, já foi possível obter um bom resultado final com a qualidade musical pretendida.

Na abordagem ao conteúdo da audição, as atividades englobaram a análise e a identificação dos elementos musicais referidos anteriormente através de audições ativas com movimento corporal, entoação, percussão corporal e acompanhamento instrumental e audições comentadas em que era apresentado um certo excerto e se discutia o género musical, o compositor e aspetos da própria obra.

A interpretação foi a atividade preferida dos alunos, tendo sido observável uma enorme motivação no que toca à interpretação de peças em instrumentos musicais. Procurei abordar as melhores estratégias para cada tipo de atividade, variando o repertório e alterando sempre o instrumento de cada um de peça para peça para atingir um maior nível de motivação e participação ao longo das aulas. Perto do final do ano, ao chegar o concerto final, foi necessário estabelecer uma rotina; assim, cada aluno ficou encarregue do seu instrumento, o que, por vezes, criou descontentamento, mas “a rotina pode facilitar a aprendizagem ao permitir que o professor e os estudantes se adaptem progressivamente a novas situações” (Vieira, 1993, p.50)

Ao longo das aulas, tentei sempre que todas as atividades realizadas na aula fossem ao encontro da atividade final da aula, neste caso, a interpretação de uma peça. Os exercícios melódicos, rítmicos e o próprio tema da aula acabavam por se constituir num aquecimento e numa preparação para a parte interpretativa. Utilizei várias vezes o telemóvel para gravar o produto final de cada aula para o poder apresentar aos alunos e discutirmos, na aula seguinte, os aspetos positivos e negativos de cada atividade.

Por vezes, as metodologias que optei por utilizar em algumas aulas não foram as mais adequadas, o que levou a algum descontentamento e menor motivação por parte dos alunos. No final de cada aula, foram discutidos tanto os pontos positivos como os negativos que ocorreram na respetiva aula de modo a obtermos melhores resultados na aula seguinte e a não cometermos o mesmo erro. As ideias e sugestões do professor cooperante foram sempre cruciais para que eu tivesse a oportunidade de mobilizar metodologias mais adequadas na aula seguinte. Estes conselhos ajudaram-me a descobrir novas formas de lidar com certas situações e a adaptar-me ao decorrer de cada aula. Por muito que a aula possa estar bem planificada, ocorrem sempre imprevistos onde temos de estar prontos a adaptar-nos e retirar o melhor possível daquele momento. António

Nóvoa (1999) aponta que a reflexão é uma prática muito importante para o desenvolvimento do nosso sentido crítico e para atingir melhorias na prática docente.

Ao longo das atividades realizadas nas aulas da PES foram utilizados vários instrumentos como instrumentos Orff de altura definida e indefinida, congas, piano, *ukelele* e guitarra. O cronograma seguinte apresenta as atividades desenvolvidas nas aulas da PES:

PES - 30 semanas	Semanas	Aulas	Atividades Musicais/ Temas	Outras atividades na Escola
05 - 09 Outubro (Feria	1ª	Observação		
12 - 16 Outubro	2ª	Observação		
19 - 23 Outubro	3ª	Cooperação	Diferença de dinâmicas (Piano e Forte)	
26 - 30 Outubro	4ª	Cooperação	Altura do som (Sons de altura determinada e indeterminada, grave Improvisação em instrumentos orff	
02 - 06 Novembro	5ª	Lecionação	Acentuações Acompanhamento da peça "Pasodoble Mestre da Viola" de com instrumentos orff	
09 - 13 Novembro	6ª	Lecionação	Acentuações Exercício de Improvisação	
18 Novembro	7ª	Lecionação	Canção "A machadinha – Músicas tradicional portuguesa	
25 Novembro	8ª	Lecionação	Canção "A machadinha – Músicas tradicional portuguesa	
02 Dezembro	9ª	Lecionação	Canção "Natal de Goa" – interpretação instrumental	
09 Dezembro	10ª	Lecionação	Canção "Natal africano" – interpretação vocal	
16 Dezembro	11ª	Lecionação	Apresentação das canções de natal em colaboração com a turma do 5°C	Aula aberta:Canções de natal

06 Janeiro	12ª	Lecionação	Escala pentatónica Figuras rítmicas Canção "Somos Reis, Somos Magos"
13 Janeiro	13ª	Lecionação	Canção "A machadinha – Músicas tradicional portuguesa"
20 Janeiro	14ª	Lecionação	Figuras rítmicas (pausa de semibreve, mínima e colcheia) Família de instrumentos de orquestra
27 Janeiro	15ª	Lecionação	Confinamento
03 Fevereiro	16ª	Lecionação	Confinamento
10 Fevereiro	17ª	Lecionação	Família de instrumentos de orquestra Programa Musical Incredibox
17 Fevereiro	18ª	Lecionação	Timbre: As quatro famílias de timbres de orquestra. Figuras rítmicas Exploração do Programa Incredibox
24 Março	19ª	Lecionação	Audição de duração e andamentos Audição de intensidade Audição instrumental, reconhecimento de sons de instrumentos Canção Coreográfica cumulativa
03 Março	20ª	Lecionação	Organização dos elementos dinâmicos
10 Março	21ª	Lecionação	Relação harmonia melodia
17 Março	22ª	Lecionação	Melodia e Harmonia
24 Março	23ª	Lecionação	Canção de Páscoa – Uma Páscoa Original
07 Abril	23ª	Lecionação	Melodias a duas vozes, criação de harmonia Contratempos Peça "Eine kleine nachtmusik" com instrumentos Orff Canção "O barquinho"

14 Abril	24ª	Lecionação	Revisão da canção "O barquinho" Imitação e cânone Interpretação da canção "Gosto de flores" em cânone	
21 Abril	25ª	Lecionação	Introdução ao compasso binário, ternário e quaternário Interpretação dos temas "Eine kleine nachmusik" e "Waltz of flowers" em instrumentos Orff Interpretação do arranjo da canção "O barquinho" em instrum	
28 Abril	26ª	Lecionação	Intervalos (Ascendente e descendente) Interpretação da canção "Antes dela dizer que sim" de Bárbara Tinoco em instrumentos Orff	
05 Maio	27ª	Lecionação	Tons e meios tons Terceiras maiores e menores Interpretação da canção "Antes dela dizer que sim" de Bárbara Tinoco em instrumentos Orff	
12 Maio	28ª	Lecionação	Compasso ternário Música contemporânea – Audição comentada da peça "À Pátria" de José Vianna da Motta Interpretação da peça "À Pátria" de José Vianna da Motta em instrumentos Orff	
19 Maio	29ª	Lecionação	Intervalos Refrão da canção "Antes dela dizer que sim" de Bárbara Tinoco Música contemporânea – Peça "À Pátria" de José Vianna da Motta Interpretação da peça "À Pátria" de José Vianna da Motta em instrumentos Orff	
26 Maio	30ª	Lecionação	Canção "Antes dela dizer que sim" de Bárbara Tinoco Forma binária Interpretação instrumental da canção "Antes dela dizer que sim" de Bárbara Tinoco	
02 Junho	31ª	Lecionação	Canção "Antes dela dizer que sim" Interpretação vocal e instrumental	
09 Junho	32ª	Lecionação	Canção "Antes dela dizer que sim" Interpretação vocal e instrumental	
16 Junho	33ª	Lecionação	Canção "Antes dela dizer que sim" Interpretação vocal e instrumental Canção "À Pátria" Interpretação vocal e instrumental	
23 Junho	34ª	Lecionação	Canção "Cantiga da burra" e "O melhor está P'ra vir" – Interpretação vocal Canção "Antes dela dizer que sim" Interpretação vocal e instrumental Canção "À Pátria" Interpretação vocal e instrumental	
30 Junho	35ª	Lecionação	Apresentação das canções de final de ano em colaboração com as turmas de 5º ano	Concerto final de ano

Durante o estágio, a avaliação dos alunos foi contínua: todas as aulas foram importantes para a avaliação de cada aluno tendo em conta a participação, o empenho, o comportamento e o desempenho de cada um.

Uma das dificuldades que tive no início da PES foi gerir o tempo de cada atividade. Nas primeiras aulas, quase nunca consegui acabar a minha planificação, era demasiado otimista porque planeava demasiadas atividades para a velocidade de aprendizagem dos alunos. Mas com a experiência que fui adquirindo, e ao adaptar-me ao tempo de aprendizagem da turma e às capacidades de cada um, fui melhorando nesse aspeto. Organizei melhor as atividades propostas e aprendi a gerir melhor o tempo dedicado a cada uma das atividades propostas.

A minha posição na sala de aula foi variando muito ao longo deste estágio. No início, era muito ativo: andava sempre de um lado para o outro na sala, não conseguia estar parado no mesmo lugar durante muito tempo – o que levou a que, por vezes, a minha direção fosse um pouco confusa para os alunos e a que tenha tido a tendência a responder aos alunos de costas viradas para eles. Com o passar do tempo, aprendi a gerir melhor este aspeto de modo a saber encontrar uma posição favorável a toda a turma e não só a um certo lado da sala, a não ficar sentado atrás do piano enquanto faço qualquer tipo de explicação, a interagir mais com os alunos em todas as atividades e, acima de tudo, a mostrar confiança em tudo aquilo que estou a transmitir à turma.

O mais interessante ao observar as aulas do meu colega de estágio, foi que ambos conseguimos ter perceção de determinadas atitudes um do outro, tendo tido a oportunidade de as transportar para as nossas respetivas turmas e isto ajudou-me a decifrar a atitude que devo ter em certas ocasiões. A observação é uma prática importante na formação de professores, podendo revelar-se útil para “reconhecer e identificar fenómenos, apreender relações sequenciais e causais, ser sensível às reações dos alunos, pôr problemas e verificar soluções, recolher objetivamente a informação, organizá-la e interpretá-la, situar-se criticamente face aos modelos existentes e realizar a síntese entre a teoria e prática” (Estrela, 1994, p.58).

Todas as aulas do segundo período foram realizadas de forma *online*. Estas foram as aulas que menos me satisfizeram porque esta modalidade me deixava demasiado limitado no que toca à planificação de aulas e às atividades propostas. Certos conteúdos que apresentei nessas aulas,

tive de voltar a abordar nas aulas presenciais do terceiro período, como, por exemplo, o tema "harmonia e melodia". É ingrato para os alunos não terem podido realizar música em conjunto nesta altura e, para trabalhar este tema, é imprescindível haver música em conjunto. Por muitos vídeos e muitas explicações que os professores possam fazer acerca deste tema, é necessário haver prática, haver audição, para que os alunos consigam entender e absorver conhecimento acerca de harmonia e melodia.

As reuniões de Seminário decorreram às quartas-feiras, entre as 14h e 15h horas, logo após cada aula ser lecionada. Na primeira reunião houve uma apresentação do professor cooperante e dos estagiários, onde discutimos as experiências de cada e o que esperávamos da PES. Tomámos conhecimento do programa da disciplina, dos meios de avaliação utilizados e das atividades que tinham sido realizadas até esse dia. No final, demos uma volta à escola, onde o professor cooperante nos mostrou as instalações da escola e nos apresentou a alguns professores. Nas reuniões seguintes, o professor cooperante discutiu connosco os melhores métodos a serem utilizados em cada turma, as características de cada aluno e o tema que iria ser apresentado na aula seguinte. Quando começámos a lecionar, passámos a discutir os pontos positivos e negativos da aula lecionada por de cada um. Começávamos por falar da nossa aula: o que correu bem, o que correu mal, o que podíamos ter feito de forma diferente e se a metodologia escolhida para ensinar uma certa atividade foi a mais adequada; depois, os colegas de estágio davam a sua opinião e, por último, o professor dava a sua opinião, dando sugestões acerca do que podia ser melhorado de modo a atingir um melhor desempenho na aula seguinte.

Em relação às atividades que estavam previstas para o final de cada período, apenas se realizou um concerto de Natal na última aula do primeiro período com a presença da minha turma e da do meu colega de estágio e os professores e funcionários que estavam disponíveis na hora do concerto. Este concerto foi realizado na sala "museu". A minha turma apresentou um arranjo realizado por mim da peça "Natal Africano" cantando a melodia da canção e tendo o acompanhamento sido desempenhado pela turma do meu colega de estágio em instrumentos Orff. A minha turma, depois, seguindo a lógica de rotatividade de papéis, tocou o acompanhamento da peça "Natal de Goa" em instrumentos Orff enquanto a turma do meu colega de estágio cantava a melodia.

O concerto final foi realizado em parceria entre os professores estagiários e o professor cooperante onde a minha turma interpretou as peças "À Pátria" de José Vianna da Motta com um arranjo realizado por mim para instrumental Orff e vozes, e a canção "Antes dela dizer que sim", de Bárbara Tinoco, também com arranjo escrito por mim para instrumental Orff e vozes. O concerto teve lugar no recreio da escola onde toda a gente que estava presente na escola naquela hora se juntou às janelas ou no recreio para assistir. A apresentação correu muito bem, muito melhor que nos últimos ensaios nas aulas. O *feedback* recebido foi muito positivo, onde professores, funcionários e a própria direção da escola nos congratulou por um trabalho bem-sucedido. Os próprios alunos mostraram motivação em fazer o concerto; antes e depois do concerto tanto ajudaram a montar o palco como a desmontar tudo e arrumar no final. Os alunos referiram, ainda, que iriam guardar este momento para o resto das suas vidas.

Para concluir, apesar de todas as dificuldades e obstáculos no início da PES esta acabou por correr muito bem. Foi uma experiência muito enriquecedora e que me abriu os olhos para o mundo de ensino como nunca antes. Após realizado este estágio, sinto-me muito mais preparado para entrar neste novo mundo da educação e deixar um pouco de mim em cada aluno que pela minha carreira passe.

3. PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

3.1. INTRODUÇÃO

O presente projeto de investigação, intitulado “Evolução da Educação Musical no 2º ciclo do Ensino Básico em Portugal nos últimos 40 anos” propõe investigar e analisar as diferentes experiências de professores da disciplina de Educação Musical enquanto crianças e alunos desta disciplina no seu tempo e comparar respostas. A Educação Musical tem vindo a evoluir/mudar ao longo dos anos e existem vários conceitos e ideias diferentes sobre qual será a forma ideal de ensinar música. Ao longo deste projeto de investigação, irão ser expostas algumas dessas ideias e sugestões de como realizar diferentes atividades musicais nas aulas de educação musical, qual o material mais adequado a ser utilizado de modo a satisfazer os alunos e dar-lhes a conhecer tudo o que a música tem para oferecer. Comparam-se de modo a encontrar as diferenças que têm surgido ao longo dos anos no ensino da música. Este projeto de investigação tem como objetivo descobrir o quão diferente tem sido a lecionação e aprendizagem da educação musical nos últimos 40 anos em Portugal, com maior foco no 2º Ciclo do ensino genérico. Outro objetivo é averiguar acerca dos diferentes materiais utilizados, a qualidade do ensino e a motivação e satisfação por parte dos alunos.

3.2. REVISÃO DE LITERATURA

Segundo Graça Mota (2014), 1974 foi o ano em que ocorreu uma grande mudança no Ensino da Música em Portugal devido à implementação da Terceira República. Foi em 1986 que começou a criação de cursos de formação de professores de Educação Musical nas Escolas Superiores de Educação e Institutos Politécnicos através da publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo. A música ganhou maior importância no currículo a partir da publicação das “Competências Essenciais do Currículo Nacional do Ensino Básico” (Portugal, 2001). Apesar deste documento ter sido revogado pelo Ministério da Educação no ano de 2011, ainda é o documento de referência para os professores da disciplina de Educação Musical do Ensino Básico.

Segundo Swanwick, o ensino da música é a reflexão do que os professores entendem que seja o significado de música; se não existir uma reflexão sobre as diferentes ideias acerca da música estas “não serão mais que preconceitos e podem ser responsáveis por más práticas musicais” (Swanwick, 1979, p.7). Swanwick (1979) defende a definição de música em três requisitos: Seleção de sons; Relação entre os sons; Intenção explicar. Estes requisitos têm de existir conjuntamente de forma a definir música. Swanwick considera que “a seleção por si própria não permite definir música” (1979, p.60). Existe uma infinidade de sons, e a sua seleção pode ser de uma natureza diversa, tanto se pode selecionar sons de instrumentos musicais como simplesmente sons do nosso quotidiano.

Na relação entre os sons, Swanwick afirma que “mesmo se os sons forem selecionados e relacionados, não se tem necessariamente música como resultado” (1979, p.60). O autor utiliza como exemplo o som dos travões de uma carruagem não ser considerado música. A partir da intenção é que se podem transformar todos estes sons em música. A intenção é, então, o último requisito, segundo Swanwick, para obtermos música e, a partir desta, os sons adquirem sentido e significado e, combinados com os dois primeiros requisitos, obtemos música.

Swanwick tenta esclarecer o significado de experiência musical na sua obra *Teaching Music Musically* e considera música como uma forma de discurso, como forma de pensamento e conhecimento, “como argumento, troca de ideias, conversação, expressão do pensamento, e forma simbólica” (1999, p.2).

Em *A Basis for Music Education* (1979), Swanwick aponta dois aspetos importantes na educação musical onde no primeiro, os professores devem providenciar experiências musicais específicas e no segundo, os alunos devem executar diferentes papéis numa variedade de ambientes musicais sendo necessário atividades em que os alunos estejam diretamente envolvidos com a música. Swanwick acredita que a experiência musical é fundamental na educação musical e não os exames e avaliação de conhecimentos. (Swanwick, 1979, p.54). “os alunos podem ser “sensibilizados” pela experiência musical. É este o objetivo fundamental da educação musical” (Swanwick, 1999, p.8).

Para Swanwick, a composição, a audição e a interpretação devem ser o foco da educação musical, o que não acontece na maioria dos casos onde o professor apenas se foca nos aspetos teóricos, como a notação musical ou a análise de diversos trabalhos musicais. Swanwick considera que “nenhuma destas coisas é central na experiência da música, apesar de às vezes poderem ajudar a desenvolver melhor a composição, a audição ou a interpretação” (Swanwick, 1979, p.45).

A audição é o ato mais importante em qualquer atividade musical e é o objetivo constante da educação musical, segundo Swanwick.

Na composição “qualquer que seja a forma que ela possa ter, o seu valor encontra-se na interiorização da música, que ela proporciona” (Swanwick, 1979, p.43).

A interpretação proporciona, então, um envolvimento entre o aluno e a música, um sentimento. É preciso haver este envolvimento, que se traduz numa intenção, de forma a que a interpretação faça sentido e a que “proporcione o envolvimento da audiência, por mais pequena e informal que esta possa ser” (Swanwick, 1979, p.44). Devemos aproveitar ao máximo a oportunidade de ensinar todas as crianças a compor. As tecnologias recentemente desenvolvidas permitiram, pela primeira vez na história, envolver todas as crianças na composição. Ao tornar o ensino de composição tão amplamente disponível quanto o ensino de performance, é provável que alcancemos interesses musicalmente criativos (Reimer, 1997).

Segundo Reimer, cantar e tocar são as atividades dominantes nas aulas de música. No entanto, há aspetos negativos que acompanham os positivos. Destaca-se como positivo o facto de toda a gente conseguir experienciar a performance. Como aspeto negativo, deve ser lembrado que “temos negligenciado amplamente as necessidades musicais da maioria das pessoas” – “servindo apenas secundariamente às pessoas que se tornarão participantes musicais da música produzida por especialistas” (Reimer, 1997, p.34)

Os sons musicais apresentam ao ouvinte os potenciais de significado musical. Embora cada ouvinte partilhe com os outros alguns dos significados numa apresentação que todos estão a ouvir, alguns ou muitos dos significados que são vivenciados são individuais para cada ouvinte. Todos os ouvintes criam a experiência que terão, de acordo com suas capacidades,

personalidades e origens particulares. Como profissionais, temos a obrigação de ajudar todos os alunos a cumprirem suas capacidades de escuta criativa. (Reimer, 1997)

A educação geral em música deve apresentar aos alunos todas as possibilidades e potenciais da música para que eles possam obter mais prazer, percepção e significado de todos eles. Uma educação geral equilibrada e abrangente em música é obrigada a envolver os alunos na experiência e na aprendizagem de todas as maneiras possíveis de encontrar a música. Uma das principais obrigações dos profissionais de educação musical é desenvolver a perícia para ensinar a ouvir de maneiras ativas e "focadas", muito além dos níveis que tendemos a aceitar com a desculpa de que ouvir é enfadonho (Reimer, 1997).

No que toca a ser professor de Educação Musical é necessário acreditar no valor desta mesma disciplina ao contrário do resto das disciplinas do ensino genérico que já são tradicionalmente consideradas necessárias. (Boal-Palheiros, 1993)

Swanwick e Taylor (1982) referem que:

Se aceitamos que o objetivo de toda a educação musical é permitir aos indivíduos apreciarem música, então teremos, não só a melhor base possível para construir um currículo, como também é a única justificação realmente satisfatória para a educação musical.

Para sabermos aprender e compreender música é necessária ouvi-la e na educação musical nós próprios temos de aprender a trabalhar com sons. A interação direta com som, com música, não é equivalente a alguém nos explicar o que é suposto ser música (Paynter, 1982).

“O valor da música na educação reside no seu valor emocional e estético. A música é uma forma de conhecimento e um modo de experiência únicos e por isso a Educação Musical não pode ser substituída por nenhuma outra disciplina do currículo escolar” (Boal-Palheiros, 1993, p.86).

3.3. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

O presente estudo utilizou o método de entrevistas. Foram entrevistados oito professores que já lecionaram ou ainda lecionam a disciplina de Educação Musical de modo averiguar acerca das suas experiências pessoais enquanto alunos de 2ª ciclo do Ensino Básico na sua respetiva época, com perguntas realizadas por mim. Estes participantes estão divididos em quatro grupos de dois (anos 1980, 1990, 2000 e 2010) e as suas respostas foram registadas e comparadas conforme os conteúdos que são apresentados nos documentos curriculares em vigor em cada época.

3.4. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste subcapítulo, serão descritos os resultados obtidos nas entrevistas realizadas aos professores e organizados por questões.

1. Que atividades mais gostou de realizar na disciplina de Educação Musical?

Foram obtidas respostas diversificadas: dois participantes gostaram de aprender flauta e xilofone (P1, P5), três gostaram dos concertos realizados no final do ano (P2, P4, P7), tendo um deles assinalado a participação do coro que frequentava extraescola (P4), um respondeu que gostava das aulas em que realizavam música em conjunto porque nas suas aulas a componente prática era quase não existente (P3), os restantes assinalaram que gostaram de cantar, cada um, determinada canção que aprenderam nas aulas (P6, P8).

2. Que atividades menos gostou de realizar?

Cinco participantes (P1, P2, P3, P4, P8) nomearam atividades teóricas, incluindo testes, fichas de avaliação e leitura de partituras como atividades que menos gostaram de realizar durante a sua experiência enquanto alunos de Educação Musical no 2º ciclo. Um dos participantes (P5) indicou que não gostou de realizar trabalhos sobre compositores, e outro (P7) afirmou não ter gostado de uma atividade em que cantou músicas do "Macaco Adriano", pois considerou-a como tendo sido uma atividade embaraçosa. O restante participante (P6) não se lembra de nenhuma atividade em específico.

3. Que instrumento gostou de aprender?

Dois participantes (P1, P5) gostaram de flauta e xilofone, os restantes (P2, P3, P4, P6, P7, P8) não gostaram de nenhum, pois apenas referiram a flauta enquanto instrumento aprendido, não tendo tido acesso a instrumental Orff.

4. Que peças interpretou durante o 2º ciclo?

Foram muito diversas as respostas suscitadas por esta pergunta. Foram referidas as canções “Kalinka” (P1), “Cai Neve” (P1), “My heart will go on” (P3, P5) do filme, “Pombinhas da Catrina” (P3, P8), “Ribeira vai cheia” (P5), “Vai-te embora passarinho” (P4) e “O balão do João” (P7).

5. Que canções aprendeu durante o 2º ciclo?

A esta questão, quatro participantes (P1, P2, P3, P6) responderam que não cantavam nas aulas, dois (P4, P7) indicaram o “O Lacrau”, tendo um deles assinalado que esta canção fazia parte das músicas do manual, igualmente respondeu um participante (P5) que apenas cantavam as músicas do manual e um dos participantes (P8) referiu que aprendeu a cantar “Não há estrelas no céu”, de Rui Veloso.

6. Ouvia música fora do contexto de interpretação, ou seja, exemplos de cultura musical?

De todos os participantes, apenas um respondeu que, nas aulas, os alunos levavam cd’s à sua escolha e partilhavam músicas, mas foi no 7º ano, ou seja, 3º ciclo (P8). Os restantes participantes responderam que, em contexto de aula, apenas ouviam música que fosse para ser interpretada mais tarde, ou que não se lembram de ouvir nada para além disso. “A única música que nós ouvíamos era a gravação das músicas que nós íamos interpretar, não nos chegou a mostrar mais música de cultura musical, por assim dizer” (P5).

7. Realizou atividades de criação musical?

Apenas um participante (P5) respondeu afirmativamente a esta questão, tendo indicado que a realizou apenas uma vez ao longo dos dois anos letivos.

8. O professor motivava os alunos a participar?

Todos os participantes responderam negativamente a esta questão à exceção de um (P1). Este participante afirmou que o seu professor mostrava dedicação e os alunos eram motivados. Os restantes participantes apontaram para o facto de que os respetivos professores não motivavam e não mostravam interesse na aprendizagem dos alunos, tendo mobilizado adjetivos como “distante”, “frio”, “com pouca dinâmica” para descrever os docentes. Assinalaram que os alunos sentiam que apenas realizavam as atividades, e era o suficiente. “Era uma pressão enorme, eu relativizava aquilo, do género “oh, eu toco, eu canto, eu estou na música” estava tudo bem, mas a malta não, eu tenho amigos que ainda hoje falam dela e falam mesmo que aquilo era horrível, ficaram a odiar música, coisas assim, a forma dela falar com os alunos era muito fria, muito distante” (P4).

9. Quais são as principais características que se lembra do seu professor? Que metodologias eram utilizadas nas aulas?

Sete participantes responderam que a metodologia mais utilizada pelos respetivos professores foi a leitura de partituras, de melodias e de ritmos escritos no quadro. Indicaram que raramente trabalhavam a memória auditiva e não trabalhavam por imitação, o que causava demasiadas dificuldades aos alunos com dificuldades na leitura. Apenas um participante do grupo de 1980 respondeu que o professor se sentava ao piano e ensinava as diferentes partes rítmicas e melódicas dos instrumentos. Um participante referiu ainda que o seu professor costumava “deitar abaixo” os alunos que tinham dificuldades e que a atitude não era agradável de se ter. (P4)

10. A sua experiência na disciplina de Educação Musical foi positiva ou negativa?

Um participante (P1) deu uma resposta positiva, cinco responderam negativamente (P2, P3, P5, P6, P8) e dois (P4, P7) deram uma resposta neutra, utilizando a expressão “não me aqueceu, nem arrefeceu”. Sete dos oito participantes afirmaram que não foi por causa da sua experiência enquanto aluno de Educação Musical no 2º ciclo que escolheu seguir a carreira de professor. (apenas P1 não fez esta afirmação) “Eu já gostava de música, por isso acabei por gostar das aulas e do que fiz nelas, agora, se as aulas tiveram impacto na minha decisão para seguir música, eu

acredito que não, isso foi muito por mim e pelas aulas que tinha na outra escola de música.” (P5). “Não me aqueceu nem me arrefeceu, sabes quando nos diziam, “é bom quando o professor nos marca pelo positivo e pelo negativo também” (risos) agora não mexer contigo, é a pior coisa. Passou-me ao lado, lembro-me mais das minhas disciplinas de ciências, história que eram disciplinas que eu nem gostava, do que a aula de música. Sem prática musical, é muito difícil ficar na memória. (P4)

3.5. CONCLUSÃO

Após uma extensa análise dos resultados obtidos, conclui-se que nem sempre foram corroboradas as perspetivas dos autores abordados anteriormente, principalmente no que toca à presença de atividades de audição. Constata-se muita ênfase em atividades de interpretação, mas com repertório pouco extenso, respostas muito comuns, o que demonstra pouca pesquisa por parte dos professores. A canção “My Heart will go on” está presente nas respostas dos participantes de 2000 e 2010, e esta foi lançada em 1997. Nota-se algum conformismo por parte dos professores, pois não existe adaptação, pensa-se que esta canção não transmite rigorosamente nada a alunos que frequentam a disciplina de Educação Musical em 2010 devido à reação de gozo e desprezo que os participantes apresentaram durante a entrevista.

Apresenta-se um enorme problema na Educação Musical no que toca à falta de pesquisa e adaptação à atualidade, à exploração de novo material que ajude a motivar os alunos para a disciplina. Um dos pontos positivos retirados destas entrevistas é a utilização de música portuguesa nas aulas de Educação Musical, embora sejam um pouco desatualizadas e infantis para alunos de 2º ciclo. A audição é um dos atos mais importante em qualquer atividade musical e é o objetivo constante da educação musical, segundo Swanwick (1979), e considera-se a falta de audição de exemplos musicais por parte dos participantes uma falha grave no que toca a atingir um dos maiores objetivos da Educação Musical.

Em termos metodológicos, os exercícios teóricos, a leitura excessiva, a falta de imitação e a falta de novidade reflete-se na desmotivação dos alunos. Em termos de recursos, considera-se que o

uso excessivo da flauta e a falta de instrumental Orff – e a não utilização deste nos casos em que há possibilidade de ser utilizado na sala de aula – constitui uma falha enorme no que toca à exploração e experimentação na sala de aula e denota uma falta de interesse por parte dos professores com quem se cruzaram os participantes desta investigação.

A criação musical nas aulas é o momento destinado para os alunos serem livres e explorarem música. Quando os alunos não exercem esse direito de criatividade, entende-se isto como um bloqueio na oportunidade de os alunos demonstrarem as suas capacidades e personalidades através da música. Demonstra-se uma perceção negativa por parte dos participantes em relação às suas aulas de Educação Musical, não tendo estas engendrado um impacto significativo na sua forma de pensar e olhar a música. Considera-se que, das evidências proporcionadas pela análise de resultados, a impressão e as memórias dos entrevistados é que a Educação Musical se encontra num estado de estagnação, sendo necessário pensar no que realmente é possível retirar da disciplina de modo a oferecer uma melhor experiência aos alunos que a frequentam.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório culmina num olhar retrospectivo e reflexivo sobre todo o trabalho desenvolvido. É com grande satisfação que olho para trás e vejo o percurso construído neste que foi um ano repleto de desafios e novas aprendizagens. Foi um longo caminho, de altos e baixos, mas que, acima de tudo, possibilitou o contacto com a complexa realidade da prática docente.

Ao longo do presente relatório, foram descritas duas componentes indispensáveis no processo da formação de um professor: a Prática de Ensino Supervisionada e o Projeto de Investigação.

A Prática de Ensino Supervisionada, foi sem dúvida, importante para a minha aprendizagem enquanto professor e pessoa. Ensinou-me formas de como abordar melhor um certo conteúdo, como motivar mais os alunos a participar, como adaptar-me a cada aula. Aprendi com os meus erros, repensei inúmeras vezes nas metodologias que devia adotar em cada caso específico e tentei ao máximo ser claro e concreto para que todos os alunos compreendessem todos conteúdos que apresentei. A reflexão foi uma das partes mais importantes ao longo de todo o estágio, tal como António Nóvoa refere, “[a] formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal” (1999, p.25).

De modo a não desmotivar a turma, tentei sempre ser inovador e recorrer aos gostos de cada um. O material utilizado foi sempre mudando ao longo de toda a PES para promover a curiosidade e a partilha de conhecimentos.

No início da PES foi complicado cumprir todas as atividades que apresentei nas planificações, mas com o tempo reconheci as capacidades da turma e adaptei-me ao andamento da aprendizagem de cada um de modo a realizar tudo o que cada planificação descrevia.

O Projeto de Investigação deu-me a conhecer um lado não muito agradável da Educação Musical no 2º ciclo: os participantes envolvidos, devido à falta de recursos ou ao conformismo e falta de dedicação dos seus professores, tiraram pouco proveito daquilo que esta disciplina tem e deve oferecer a todos os alunos que por ela passam. Na minha opinião, o problema não está nos

currículos nem nos programas de Educação Musical, mas sim falta de curiosidade, espontaneidade e dedicação que os professores apresentam na sua lecionação; não é possível, para um aluno, guardar memórias de Educação Musical se nelas não existir prática musical. A falta de adaptação ao repertório e a falta de novidade que estão patentes nos testemunhos dos participantes – ilustrativos das últimas quatro décadas – é, a meu ver, inadmissível. Um dos maiores objetivos da Educação Musical é proporcionar um espírito crítico aos alunos, é dar a conhecer; não é aceitável a falta de exemplos musicais na atualidade, com tantos recursos disponíveis.

Concluo que eu decidi realizar este mestrado para não deixar as crianças de hoje em dia terem a mesma experiência que eu tive em Educação Musical enquanto aluno. A minha experiência é o espelho do resultado destas entrevistas e espero, um dia, conseguir deixar uma marca positiva no mundo da Educação Musical. Cresci muito ao longo deste ano letivo com o professor cooperante, com o meu colega de estágio e com os meus próprios alunos. Isto não é fim, mas sim, o início.

BIBLIOGRAFIA/REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arends, R. (2012). *Learning to teach*. New York: McGraw-Hill.

Boal-Palheiros, G. (1993). *Educação Musical no Ensino Preparatório. Uma avaliação do currículo*. Lisboa: APEM – Associação Portuguesa de Educação Musical.

Boal-Palheiros, G. & Boia, P. S. (2020) *Desafios em Educação Musical*. Porto: CIPEM/INET-md.

Brand, M. (2009). Music teacher effectiveness: selected historical and contemporary research approaches. *Australian Journal of Music Education*, 1, 13-18.

Colwell, R. (2011). Reflections on music teacher education. *Action, Criticism, and Theory for Music Education*, 10(2), 127-160. http://act.maydaygroup.org/articles/Colwell10_2.pdf.

Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de observação de classes: Uma estratégia de formação de professores* (4ª ed.). Porto: Porto Editora

Hallam, S. (2012). Psicologia da música na educação: o poder da música na aprendizagem. *Revista de Educação Musical*, 138, 29-34.

Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

Ministério da Educação (1991a). *Programa de Educação Musical. Ensino Básico, 2º Ciclo – Vol I*. Lisboa: Ministério da Educação – Direção Geral dos Ensinos Básico e Secundário.

Ministério da Educação (1991b). *Programa de Educação Musical. Plano de Organização Ensino-Aprendizagem. Ensino Básico, 2º Ciclo – Vol II*. Lisboa: Ministério da Educação – Direção Geral dos Ensinos Básico e Secundário.

Martins, M. L. (1987) "Carl Orff – O Pedagogo. Assimiliação dos seus princípios psico-pedagógicos e impacto da sua projeção no mundo atual". *Boletim 53, APEM – Associação Portuguesa de Educação Musical*, 7-10

Mota, G. (2014). A educação musical em Portugal – uma história plena de contradições. *UNIRIO*, n. 13, p. 41-50

Nóvoa, A. (1999). Os professores na virada do Milénio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. *Revista Educação e Pesquisa*, 25 (1), 11-20.

Nóvoa, A. (coord.) (1995). *Os professores e a sua formação* (2ª ed). Lisboa: Dom Quixote

Paynter, J. (1992). *Music in the Secondary School Curriculum*. Cambridge University Express.

Reimer, B. (1997). Music Education in the twenty-first century. Outgrowing its historically limited purposes, music education needs to be poised for an expanded mission in the twenty-first century. *Music Educators Journal*, 1, 33-38.

Swanwick, K. (1979). *A basis for Music Education*. London: Routledge.

Swanwick, K. (1999). *Teaching Music Musically*. London and New York: Routledge.

Swanwick, K. (1999). Ensinar Música Musicalmente. Música como cultura: o espaço intermédio. *International Journal of Music Education*, n.2, 4-11.

Swanwick, K. & Taylor, D. (1982) *Discovering Music. Developing the Music Curriculum in Secondary Schools*. London: Batsford Academic and Educational.

Shulman, L. (1987). Knowledge and Teaching: Foundations of the new reform. *Harvard Educational Review*, 57(1), 1-23.

Vieira, F. (1993). *Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio Tinto: Edições ASA.

ANEXOS

Capítulo 1 e 2

CD – Dossiê de estágio da Prática de Ensino Supervisionada

Capítulo 3 – Entrevistas

Entrevista 1 – (1980)

Entrevistador – Boa tarde, desde já muito obrigado por ter aceitado realizar esta entrevista e vou então começar pela primeira pergunta: Que atividades mais gostou de realizar enquanto aluno do 2º ciclo?

P1 – Flauta e xilofone foram as coisas que mais gostei de fazer.

Entrevistador – Ok, e quais foram as que menos gostou de realizar, se se lembrar de alguma coisa?

P1 – Hmm.. Não (Pensativo).. Talvez teoria, de vez em quando a parte teórica. Na altura eu tocava clarinete e cheguei a levar para a escola o instrumento e comecei depois a dedicar-me à música.

Entrevistador – Em termos de peças aprendidas no segundo ciclo, tem alguma mais gostou de tocar na flauta ou no xilofone?

P1 – Kalinka e Cai neve, cai neve no meu jardim (risos).

Entrevistador – Em termos de canto, teve algumas peças que aprendeu a cantar ao longo da sua aprendizagem?

P1 – Não, como aluno do 2º ciclo, assim peças não, foi assim tudo mais instrumental, nada muito elaborado.

Entrevistador – E ouvir música? O seu professor mostrava-lhe peças para ouvir ou peças para cantar ou era mesmo só mesmo música que o professor trazia para vocês tocarem?

P1 – Hmm, ouvir música por acaso não me lembro, por acaso é uma boa pergunta, mas não me lembro.

Entrevistador – Em termos de composição e improvisação, chegou a fazer algum exercício deste conteúdo?

P1 – Não, não..

Entrevistador – Diga-me só uma coisa, quando estavam a aprender alguma peça num instrumento, era à base da leitura da partitura, ou por imitação e repetição? Como era essa metodologia?

P1 – Pois, eu não sei bem, acho que era sequência, ou seja, memorizávamos a sequência, mas sei que havia uma partitura ou outra, mas acabávamos sempre por memorizar.

Entrevistador – Falando agora acerca do seu professor, o seu professor motivava os alunos a participar? Tem alguma característica que se lembre do seu professor?

P1 – Lembro-me de ele estar no órgão a cantar e depois ensinar as partes dos diferentes instrumentos e pronto era isso. Sim, o professor dedicava-se, arranjava concertos e motivava os alunos.

Entrevistador – Muito bem, para terminar só me resta perguntar se a sua experiência enquanto aluno de educação musical no 2º ciclo foi positiva ou negativa? Foi importante no que toca a ter a carreira que tem hoje?

P1 – Sim, teve influência, considero uma experiência positiva, foi o que me levou a seguir música, aliás foi o professor que me levou para a escola de música e acabou por ser meu maestro mais tarde e foi positivo, entendo que foi importante.

Entrevistador – Pronto, já lhe perguntei tudo o que tinha a perguntar e, mais uma vez, obrigado por ter aceitado o convite para esta entrevista.

P1 – Obrigado eu pelo convite.

Entrevista 2 - (2010)

Entrevistador – Como primeira pergunta, lembras-te de alguma atividade que mais gostaste de realizar em geral no 2º ciclo?

P2 – Houve uma, até acho que é a única que me lembro, houve um projeto qualquer em que a professora fez uma adaptação de uma música de Xutos e Pontapés e nós tínhamos de tocar na flauta e depois havia um instrumental todo rock e assim, diferente do que nós estávamos habituados a fazer. Acho que essa foi a atividade que mais gostei.

Entrevistador – E que menos gostaste, lembras-te de alguma?

P2- (Risos) Lembro-me, não gostava nada quando passávamos uma hora e meia só a ver sol mi, sol mi, sol mi na flauta, não gostava nada quando eram aulas só de teoria, ela focava-se mais na notação na pauta, nada de ritmos, quando a aula era toda dedicada a leitura de pauta com a flauta.. hmm, (abana a cabeça) não. Era daqueles professores que praticava mais a parte teórica do que a prática musical.

Entrevistador – Aprendeste a tocar algum instrumento musical?

P2 – Nós não tínhamos instrumental Orff, nem instrumentos de percussão elementares, não tínhamos nada, a professora levava a flauta transversal dela, não tínhamos piano na sala, não tínhamos guitarras e cada um tinha a sua flauta de bisel, que foi o que eu aprendi a tocar.

Entrevistador – E aprendeste a tocar alguma peça no 2º ciclo?

P2 – As peças que nós tocávamos, é assim se me perguntares quantas peças eu aprendi, muitas porque nós levávamos aquele livro “100% música” e nós interpretávamos aquilo, a professora

levava o livro assim como se fosse uma bíblia, do início ao fim e no final do ano tínhamos mesmo de terminar aquele livro, mas se me perguntares as que me lembro, lembro-me dessa dos Xutos e Pontapés e outra que não me lembro mas era assim [trauteou a canção], foram as únicas, porque depois eram aquelas peças de duas notas, três, por aí.

Entrevistador – E até para cantar, vocês não cantavam nas aulas?

P2 – (Abana a cabeça) Nada, nada, nada.

Entrevistador – E ouviam música? A professora mostrava-vos música?

P2 – Não, os únicos momentos em que ouvíamos música era no final, imagina quando sobravam dez minutos para o fim da aula, ela pergunta aos alunos uma música que gostassem de ouvir e punha para nós ouvirmos e naquela altura era a altura dos 4taste e isso e nós ouvíamos isso nas aulas, agora de cultura musical para conhecermos músicas, não.

Entrevistador – Ela não usava música para mostrar exemplos de algum elemento musical?

P2 – Não, as aulas dela eram extremamente teóricas e era tipo olhar, ler fazer e pronto, não havia comparações, não havia exemplos, não havia nada.

Entrevistador – Vocês fizeram alguma atividade de criação musical ou foi tudo “toca a ler e está a andar”?

P2 – Nada, era só olhar para a partitura e ler.

Entrevistador – E a professora motivava os alunos a participar?

P2 – É assim, não, as aulas eram horríveis, era quase todas as aulas, haviam alunos que eram expulsos, alunos para a direção, pronto se quiseres ter um exemplo, exatamente no ano em que entrei para o 5º ano, entrei no 1º grau do conservatório, eu no conservatório era aluna de 20 e em Educação Musical era aluna de 3 quase 2, portanto não, a professora não motivava, as aulas eram muito teóricas e pronto, estamos a falar de alunos da aldeia e mesmo a turma já não ia com grande

motivação e depois a professora não nos faziam chegar nada que fizesse sentido para nós, era quase tudo teoria, pronto as aulas eram todas assim.

Entrevistador – Tu eras uma das alunas que já tinha conhecimentos musicais antes de entrar para o 2º ciclo, tinhas alguém assim como tu com esse conhecimento musical?

P2 – Sim, eu tinha uma colega, numa turma de trinta e dois, e nesses trinta dois só havia duas pessoas que sabiam algumas coisas e que até podiam estar interessadas, mas por causa do ambiente, desmotivávamos completamente.

Entrevistador – Não havia oportunidade de haver aquela divisão de alunos que já sabiam música e aqueles que não sabiam e às vezes os professores pediam aos alunos que já sabiam para não fazerem nada e deixar os outros fazerem?

P2- Não de todo, eu na altura lembro-me de me sentir excluída por já saber e então ia para as aulas para não fazer nada, não podia responder, não podia fazer nada porque eu já sabia.

Entrevistador – Ia perguntar-te características da tua professora, mas já me deste bastantes (risos).

P2- (Risos) É assim, ela era muito querida e muito simpática, é que de facto nas aulas dela eu não me empenhava, eu lembro-me perfeitamente e agora que estou do lado de professora hoje também não perdo, eu estava tão desmotivada com as aulas que eu escrevia tipo a escrita musical, era horrível de tão desmotivada que estava. Ela era muito querida e até foi ela que me motivou ainda mais a continuar no conservatório, pronto só que, eu acho que cada um nasce para o que nasce, era muito boa pessoa, mas em termos pedagógicos não era nada, ela na altura era nova e hoje já não está no ensino, por algum motivo é (risos).

Entrevistador – Então agora a pergunta óbvia, se a tua experiência foi negativa ou positiva? (Risos)

P2- (Risos) Foi negativa, é assim, na hora quando era aluna foi muito negativa mesmo, mas hoje essas aulas que tinha com ela servem-me de exemplo para o que eu não devo fazer, se me

perguntares hoje, digo-te que me serviram para alguma coisa, mas na hora não. Eu lembro-me de quando era o dia de ter música, (suspiro) “lá vamos nós para a flautinha” (risos).

Entrevistador – Como meio de avaliação vocês faziam testes?

P2– Sim, testes escritos sempre e prova de flauta. Imagina, tínhamos quatro peças preparadas e no dia tocávamos aquela e pronto. Eu agora não vejo necessidade de haver testes escritos, tudo o que tu irias fazer num teste, eles fazem ao longo do período com a participação em atividades de interpretação. Tu conheces-me e sabes que eu posso saber tudo mas chega a hora do teste e não sei nada, não mostra aquilo que eu sou.

Entrevistador – Como era o método de ensino, basicamente vocês limitavam-se a ler e tocavam sozinhos ou havia imitação e repetição?

P2 – Tudo leitura e depois quando tivesse mais ou menos bem é que ela pegava na flauta transversal e tocava connosco, claro que aí ajudava o processo porque nós já íamos pela imitação e não pela leitura, mas até a coisa estar, era tudo por leitura, não havia imitação. Por exemplo, aquela coisa de nós batermos palmas para imitar padrões rítmicos, eu nunca fiz isso. Pronto, foi tudo errado. Ainda por cima, eram canções que nos eram completamente alheias e nos desmotivava, só no fim quando fizemos a música dos Xutos é que houve motivação, mas já foi só no fim.

Entrevistador – Pronto, não tenho mais perguntas para te fazer, gostei das tuas respostas e ri-me um bocado. Obrigado pela disponibilidade.

P2 – De nada, obrigado e até à próxima.

Entrevista 3 – (2010)

Entrevistador – Então queria começar por te perguntar se tens alguma ideia de qual foi a atividade que mais gostaste de fazer em Educação Musical no 2º ciclo?

P3 – Eu acho que o que gostei mais foi nos momentos em que nós tocávamos todos juntos, que não era muitos, as minhas aulas de Educação Musical não tinham uma grande componente de prática musical em conjunto.

Entrevistador – E atividades que menos gostaste de fazer?

P3 – (Risos) Não sei, nós fazíamos muitos exercícios tipo fichas, ou coisas teóricas, lembro-me que tínhamos de escrever os nomes dos instrumentos de orquestra e eram coisas que eu gostava na mesma porque eu já tinha aulas de música há alguns anos, eu acho que o que menos gostava era o facto de sentir que estava ali sem fazer nada, não estava a ser muito estimulada, eu gostava mais das aulas de música que tinha fora da escola, mas não sei se havia alguma atividade em que eu chegava e ficasse “ahhh (suspiro), tenho de fazer isto”.

Entrevistador – Vocês faziam testes como avaliação da disciplina?

P3 – (Abanou a cabeça de forma afirmativa) Fazíamos exercícios tipo esses de escrever os instrumentos e fortes, fracos, coisas assim relacionadas com dinâmicas, leitura, tínhamos de ler, escrever o nome das notas por baixo das notas, escrever o nome das figuras rítmicas, assim coisas mais teóricas, mas depois tínhamos a avaliação de flauta e éramos avaliados e não sei se também tínhamos o cantar, não tenho a certeza.

Entrevistador – Tens algum instrumento que aprendeste a tocar dentro da disciplina de Educação Musical?

P3 – Não (risos), eu tocava flauta, não me lembro de tocar outro instrumento que não seja flauta, só que flauta já era o meu instrumento, eu já tocava flauta há alguns anos antes de entrar para o quinto ano, a professora sabia disso, só que ela usava um bocadinho contra mim, muitas vezes pedia que eu não tocasse, não estimulava mesmo essa parte de eu já saber, ela cortava-me um bocado porque eu já sabia coisas que os outros não sabiam porque já andava em aulas de música, então eu sentia-me mesmo à parte nas aulas porque ela pedia-me que eu não participasse, não tocasse, não respondesse à pergunta e isso eu não gostava, não gostava de ir para as aulas de

música porque eu sentia mesmo que não estava lá a fazer nada, que ela nem sequer queria que eu fosse lá.

Entrevistador – Lembras-te de alguma peça que tocaste no 2º ciclo que tenhas apresentado ou que gostaste de tocar na altura?

P3 – (Risos) Não, lembro-me de tocar o titanic e as pombinhas da catrina, dessas lembro-me, agora não gostei particularmente de tocar essas músicas (risos), lembro-me só dessas duas, não me lembro de mais nada mesmo.

Entrevistador – Em termos de canções, lembras-te de alguma que aprendeste a cantar no 2º ciclo?

P3 – Não, eu lembro-me de ver O Pedro e o Lobo (risos), tocar as pombinhas da catrina e o titanic na flauta e a professora escrevia no quadro com o pentagrama, e nós olhávamos todos e tocávamos e era isso, só me lembro dessas coisas, mas de certeza que nós fizemos outras coisas e cantamos outras coisas, eu é que não me lembro.

Entrevistador – Lembras-te se nas tuas aulas ouvias música? A professora punha música para vos mostrar novos géneros musicais?

P3 – Eu lembro-me que nós trabalhávamos música infantil, mas tipo pombinhas da Catrina e loja do mestre André, coisas assim e depois música erudita tipo o pedro e o lobo que disse ao bocado e de certeza que ouvimos outras só que eu não me lembro especificamente, que eu me lembre não ouvíamos música moderna

Entrevistador – E em termos de criação musical, vocês improvisavam ou compunham?

P3 – Que eu me lembre não também (risos), é assim há coisas que eu não sei, eu tenho memórias dos 6 aos 10 anos de improvisar e compor mas na minha escola de música, tenho memórias mais vívidas dessa altura do que dos 10 aos 12 anos na escola pública, lembro-me muito mais de atividades e concertos que fizemos dos 6 aos 10 mas na minha escola privada, principalmente teatros de sombras, concertos que fizemos com público, lembro-me disso e depois na minha

escola do 5º ao 6º ano, lembro-me de poucas coisas, mas a maior parte não tenho assim grandes memórias.

Entrevistador – Vocês faziam concertos de final de ano?

P3 – Eu acho que não (risos), só se estivesse enquadrado noutra coisa, noutras disciplinas, sim talvez, mas eu acho que não toquei flauta, porque eu não me lembro de alguma vez tocar flauta no 5º e 6º ano para as pessoas da minha escola.

Entrevistador – Sentias que o teu professor motivava os alunos a participarem nas aulas?

P3 – Hmm.. é assim, do que eu me lembro da minha professora, ela não dava muito espaço aos alunos de participarem, até porque a turma em que eu estava era a turma mais complicada de todas do 5º e 6º ano, era o 5º F e era a pior turma da escola, eram mesmo mal comportados, as pessoas que tinham mais participações disciplinares, eram os alunos com as piores notas, tinham imensas queixas de todos os professores, portanto era uma turma bastante complicada por isso o trabalho do professor não era fácil, do que me lembro ela cortava a participação dos alunos porque na verdade se ela desse muito espaço aquilo ficava um bocadinho insuportável porque os alunos realmente não eram fáceis de lidar e também não gostavam de estar na aula de música, quer dizer eles não gostavam de estar em nenhuma aula por isso não queriam muito estar ali, por isso era difícil também para a professora dar assim muito espaço, hmmm, eu acho que ela motivava os alunos a aprenderem a procurar outros instrumentos ou a ter curiosidade por outros instrumentos, acho que houve alturas em que os alunos trouxeram instrumentos de casa, agora dentro da aula havia pouca margem para os alunos serem mais espontâneos, os alunos não eram muito participativos em si, queriam se ir embora, não eram uma turma muito motivada.

Entrevistador – Lembras-te de alguma característica que a tua professora tinha? Alguma maneira que ela utilizava para ensinar algum tipo de matéria?

P3 – Hmm, deixa-me pensar, estratégias que ela usava.. era aquilo que eu estava a dizer, ela preocupava-se em que nós soubéssemos ler e trabalhávamos muito a leitura tanto a dizer, a solfejar, como a tocar enquanto líamos a partitura, por isso aquilo que eu disse que ela escrevia no

quadro com o pentagrama, ela escrevia lá as pombinhas da Catrina, ou o que quer que fosse, nós tínhamos de copiar para o caderno de música e depois tínhamos de tocar na flauta, agora não me lembro se havia aquela estratégia de tocar sem soprar e mudar só os dedos, não me lembro de fazer isso, lembro-me que havia até alguma confusão na sala porque ela dava oportunidade de irmos aquecendo sozinhos o que ficava uma confusão enorme porque éramos vinte alunos a tocar para seu lado, mas eu lembro-me que havia esse espaço de aquecer e depois tocar todos juntos, mas eu não me lembro se havia mais pequenos passinhos no meio que nós seguíamos para tentar ler, mas sei que a leitura era bastante importante e bastante treinada, mas de uma forma assim mecânica, lendo, lendo, lendo, tocando, tocando, tocando, sempre assim. A professora não tocava connosco, muitas vezes dizia as notas e cantava as notas, mas não tocava connosco.

Entrevistador – Por último, para recapitular tudo, pergunto-te se levas a tua experiência em Educação Musical para o lado positivo ou negativo?

P3 – (Risos) É assim, não foi uma experiência muito positiva, mas também penso que pode ter sido.. é assim, é uma coisa minha, não quer dizer que as outras pessoas da minha turma tivessem a mesma opinião que eu, mas como eu estava numa situação em que eu já tocava flauta há alguns anos, noutra escola com uma metodologia bastante diferente da minha escola pública, aliás essa questão da leitura, eu aprendi a ler de uma forma completamente diferente daquilo que ela estava a ensiná-los a eles, quando ela estava a ensinar aos meus colegas eu já sabia ler, mas eu não aprendi como ela estava a ensinar, ou seja, nessa lógica de repetir, repetir, ler, ler, ler a dizer as notas e a tocar, ou seja, eu aprendi a ler só a tocar, eu tocava muitas vezes por imitação e bastante repetição, mas era sempre numa lógica de música em conjunto e contribuir para o som em conjunto, eu nem sequer tinha aulas individuais nessa altura, era tudo orquestra Orff, então era tudo nessa lógica de vamos contribuir para o som do grupo e vamos tocando, tocando, tocando e depois a leitura vai acontecer mais naturalmente e vai ser por necessidade porque vai ser efetivamente mais fácil de eu ler, porque vai ser mais rápida a minha aprendizagem em termos de tocar e contribuir para o som do grupo, mas foi muito mais natural do que estar a dizer as notas e a solfejar outra vez, outra vez, outra vez. Por isso, chegando ao 5º ano e ter de fazer exatamente a mesma coisa que os outros alunos faziam e não estavam na mesma situação que eu, eu repetia as mil e uma vezes que ela mandava repetir o solfejo, eu repetia com eles e eles eram super lentos porque eles não sabiam ler obviamente, eu tocava exatamente a mesma coisa que eles ao ritmo

deles e muitas vezes até fazia menos do que eles porque como eu tinha dito a professora pedia-me para eu parar ou para eu me calar, por isso não utilizava uma metodologia diferenciada para as diferentes necessidades dos alunos, eu não era a única que tinha música, havia outros alunos que já tocavam instrumentos e já sabiam ler, era igual para toda a gente, o que acaba por criar esta desmotivação da minha parte, eu lembro-me que não gostava das aulas de música, lembro-me que me portava muito mal e levei recados na caderneta, avisos para casa das minhas aulas de música, porque eu não queria estar lá, eu não fazia nada lá, estava extremamente desmotivada, sentia-me frustrada porque não aprendia nada, a professora mandava-me parar e por isso sentia que não estava lá a fazer nada nem queria estar lá, por isso não foi uma experiência positiva (risos), o que não significa que para outros colegas da minha turma, eles não tivessem até aprendido coisas e feito coisas interessantes, mas para mim não foi uma experiência enriquecedora, porque não me acrescentou muito.

Entrevistador – Pronto, é tudo o que tenho a perguntar, gostei muito da entrevista, das tuas respostas, deu-me para me rir um bocadinho também, porque me revi em muitas das tuas respostas. Obrigado.

P3 – Obrigado e desculpa trazer o Titanic de volta à tua memória (risos).

Entrevista 4 - (1990)

Entrevistador – Em primeiro lugar ia-te perguntar se te lembras de alguma atividade que mais gostaste de realizar quando frequentaste a disciplina?

P4 – Na disciplina de Educação Musical, na verdade são as poucas memórias que eu tenho e a que ficou assim marcada não foi em aula, mas desde os meus nove anos, eu fui para um coro juvenil e aí estava eu e mais dois colegas da turma, pronto eu acho que sobre a influência disso, a professora soube, um estudava guitarra, outro estudava piano e eu estudava órgão na altura e cantava e acabámos por fazer um trabalho conjunto do coro com a turma, foi um concerto, os colegas todos da turma começaram a ir ao ensaio ao sábado à tarde a fazer vocalizos a ver se cantavam bem e cantavam mal e depois acabámos por fazer repertório juntos, foi um bocado por

aí, fizemos um concerto juntos, o coro cantou sozinho e depois integrou o resto da turma, foi assim a coisa que mais me marcou.

Entrevistador – Agora ao contrário, qual foi a coisa que menos gostaste de fazer?

P4 – Eu não me lembro das coisas específicas que se faziam nas aulas, as únicas coisas que me lembro, por exemplo no 5º ano, era de fazermos testes, eu lembro-me dos testes, mas acho que só me lembro porque os guardei e os vi posteriormente, aqueles testes de ouvir, identificar se estava a crescer se estava a diminuir, se estava forte, se estava piano. Outra coisa que eu não gostei mesmo nesse próprio ano que até apesar de tudo tínhamos boas memórias mas eu não gostava nada da professora, ninguém gostava, ninguém ficou com boas memórias, era aquela coisa de tocarmos na flauta, não era comigo, nem com os meus colegas que estudavam música, mas para quem tinha dificuldades eram completamente excluídos e tenho memória de um dia estarmos a fazer um teste de flauta em que estava um a um, já não faço ideia do que estávamos a tocar, nós seguíamos o manual, lembro-me de algumas canções inclusive que fizemos, algumas canções do manual também cantamos em conjunto com o coro, pergunta e resposta. Essa parte negativa foi isso, momentos de aula de avaliação sumativa, aquilo era um peso enorme, a malta a tremer por todos os lados, eu própria também de ficar naquela pressão, ficávamos muito nervosos, não tenho boas memórias disso.

Entrevistador – Muito bem, tiveste algum instrumento que gostaste de aprender na escola?

P4 – Não, não me lembro, só me lembro da flauta, se queres que te diga, não me lembro de mais nada, lembro-me de a professora acompanhar com teclado, mas não me lembro sequer de tocar outros instrumentos, nenhum instrumento, só a flauta e nada. Aprendi foi fora dali.

Entrevistador – Acerca das coisas que foste apresentando com a turma, tiveste alguma peça que mais gostaste de interpretar no 2º ciclo?

P4 – Olha, eu da turma não me lembro propriamente do trabalho da aula, agora lá está, eu lembro-me desse concerto, não tenho mesmo memória, só desse concerto, lembro-me da canção em que eu fazia um solo que era o “vai-te embora passarinho” e eu fazia um solo com o meu colega,

cantávamos os dois a duas vozes um solo e eu lembro-me disso, mas lá está, já cantava essa canção no coro, não me lembro dos concertos, do que é que se tocava. Lembro-me que nós tínhamos um manual, que tinha uma cassete e isso eu lembro-me de ir para casa e tocava aquilo início ao fim, eram exercícios de flauta de um livro do professor Emiliano Toste.

Entrevistador – Lembras-te de canções que aprendeste?

P4 – Lembro-me do camaleão, espera deixa-me ir buscar o manual que eu tenho ali que assim até me ajuda a lembrar (foi buscar o manual). Pronto, estou a ver isto e lembro-me, tenho a memória da canção, “el zingazing”, eu não me lembro de tocar instrumentos, mas tem aqui acompanhamentos de instrumental, por exemplo tem aqui uma canção que era “A horta” (começou a cantar) eu lembro-me de cantar isto, mas não me lembro de acompanhar. Tem aqui uma lengalenga, que eu agora até faço isto com os meus alunos, com forte e piano, frases com forte e piano, lembro-me de também fazer isto. Mas olha, esta canção do “vai-te embora passarinho” que é uma canção dos açores, eu cantava no coro, mas não me lembro dela nas aulas de Educação Musical. Tem aqui acompanhamento, mas não tenho memória de tocar instrumentos Orff.

Entrevistador – Lembras-te se fizeste algumas atividades de criação musical?

P4 – Não, esquece, não, não, de todo, isso posso-te garantir que não. Era todo aquele registo de estarmos na sala em U a cantar e tocar umas coisinhas.

Entrevistador – Achas que o teu professor motivava os alunos a participar?

P4 – Não, não, era uma pressão enorme, eu relativizava aquilo, do género “oh, eu toco, eu canto, eu estou na música” estava tudo bem, mas a malta não, eu tenho amigos que ainda hoje falam dela e falam mesmo que aquilo era horroroso, ficaram a odiar música, coisas assim, a forma dela falar com os alunos era muito fria, muito distante, acho que ela era assim meia frustrada. Ela hoje em dia, dos relatos que eu ouço de colegas que já trabalharam com ela é igual, é engraçado que me estavam a contar, outra colega de trabalho e eu “faz-me lembrar a minha professora” e era mesmo ela.

Entrevistador – Consegues partilhar algumas dessas características dessa professora?

P4 – Isso é difícil, nós quando somos crianças atribuímos um certo significado às coisas. Havia claramente uma coisa que era os alunos da música e os que não eram e quem era da música, acho que ela fazia questão de exaltar os alunos que realmente eram bons, mas fazia questão de espezinhar os alunos que não eram bons e isso não é fixe, a atitude não é essa, a atitude é exatamente de integrar esses alunos e valorizar o pouco que eles tivessem, então não valorizando, se tudo o que eles fazem, mesmo estando mal, se nós não valorizarmos e não reforçarmos, vai estar sempre mal ou pior e vai chegar a um ponto que eles não conseguem fazer pelo grande bloqueio que têm, eu acho que era isso que acontecia na minha turma, os meus colegas bloqueavam, já não conseguiam soprar para a flauta, eu lembro-me na altura de estarem a chorar na avaliação, já nem conseguiam, não dava, eu acho que é isso. Sentia que ela não se preocupava com os que não sabiam, ou que não sabia lidar com esses alunos. Não tinha preocupação em fazer com que eles melhorassem.

Entrevistador – No geral, achas que a tua experiência na disciplina de Educação Musical foi positiva ou negativa?

P4 – Se queres que te diga, não me aqueceu nem me arrefeceu, sabes quando nos diziam, “é bom quando o professor nos marca pelo positivo e pelo negativo também” (risos) agora não mexer contigo, é a pior coisa. Passou-me ao lado, lembro-me mais das minhas disciplinas de ciências, história que eram disciplinas que eu nem gostava, do que a aula de música. Sem prática musical, é muito difícil ficar na memória.

Entrevistador – Não tenho mais nada para te perguntar, obrigado pelas respostas e gostei da tua analogia. Há coisas que disseste que ainda existem na Educação Musical, há muitos problemas, especialmente entre professores.

P4 – Agora já não há desculpa para haver problemas, há muitos mais recursos do que antigamente e se quisermos, é possível fazer acontecer. Obrigado pela entrevista, até à próxima!

Entrevista 5- (2000)

Entrevistador – Em primeiro lugar gostaria de te perguntar quais foram as atividades que mais gostaste de realizar na tua experiência enquanto aluno de Educação Musical no 2º ciclo?

P5 – Eu na altura já andava numa escola de música e acabava por gostar das aulas porque não tinha uma comparação com outro tipo de aulas e na altura gostava de tocar flauta, já conhecia algumas notas, tinha aprendido aqui em casa e foi essencialmente isso, gostava de tocar flauta foi praticamente o que nós usamos em todas as aulas de música.

Entrevistador – E que menos gostaste de fazer?

P5 – Não acho que houvesse assim uma atividade que eu menos gostasse de fazer, lembro-me que tivemos de fazer um trabalho escrito sobre um compositor, provavelmente foi essa atividade que menos gostei de fazer.

Entrevistador – Que mais instrumentos gostaste de aprender para além da flauta?

P5 – Mais para o fim do ano eu lembro-me que tivemos uma aula onde a professora distribuiu instrumental Orff e instrumentos de percussão, mas não explicou muito bem a técnica e como tocar, eu via que tinha lá as notas escritas e foi à base da improvisação a atividade e rodámos pelos instrumentos. Nós só usámos praticamente a flauta e no fim do ano é que experimentámos esses instrumentos.

Entrevistador – Houve alguma peça que te lembres de interpretar?

P5 – O famoso titanic (risos) foi uma das canções e lembro-me da “ribeira vai cheia” e sei que aprendemos mais, mas não me lembro do nome.

Entrevistador – E canções?

P5 – Eram essas, eram essencialmente canções do manual, não me lembro de mais.

Entrevistador – Que músicas ouviste? A professora mostrava-vos música?

P5 – Não, a única música que nós ouvíamos era a gravação das músicas que nós íamos interpretar, não nos chegou a mostrar mais música de cultura musical, por assim dizer.

Entrevistador – Lembras-te se realizaste alguma atividade de criação musical? Composição e improvisação?

P5 – Foi nessa tal aula em que a professora distribuiu os instrumentos Orff e percussão, na altura não tinha noção das formas, mas lembro-me que ela pediu alguns instrumentos para fazer um ritmo específico e os instrumentos melódicos estavam a improvisar. Eu lembro-me que ela não tirou nenhuma lâmina, ou seja, nós tínhamos a escala diatónica e pronto, utilizamos as notas todas, mas não me lembro como é que aquilo soou na altura, nós estávamos ali todos contentes a tocar, não tínhamos perceção do que estava à nossa volta.

Entrevistador – Agora falando um bocado do teu professor, ele motivava os alunos a participar?

P5 – A professora era a única professora da escola, tinha cinco ou seis turmas de quinto ano e outras tantas de sexto e a personalidade dela era muito parada, não era dinâmica, não puxava por nós, tínhamos de fazer aquilo, fazíamos e pronto. A professora escrevia a melodia no quadro ou víamos pelo manual e lembro-me que muitas das vezes foi à base de leitura, nós íamos trabalhando a leitura, lá está, fomos aprendendo as notas, a ler as notas na pauta e na montagem das peças era à base de leitura, quem tivesse dificuldades a ler estava “lixado”, eu já tinha aulas de música, já sabia ler, não sentia dificuldade, mas havia lá muita gente que aquelas aulas foram o primeiro contacto que tiveram com música e havia alunos que eram mais atentos e conseguiam aprender, mas havia algumas que tinham imensas dificuldades, mesmo a tocar flauta, não tinham boa articulação e tinham dificuldade em fazer as posições das notas.

Entrevistador – Tens mais alguma característica que te lembres da tua professora à parte da motivação?

P5 – Eu lembro-me que umas aulas ela tocava no teclado, aquilo para nós era espetacular ver uma pessoa tocar assim à nossa frente, também porque era um bocado diferente daquilo que nós

fazíamos nas outras aulas, era novidade por isso nós gostávamos de ouvir, mas o que ela tocava eram as canções que estávamos a aprender.

Entrevistador – Por último, o que levas dessa experiência, foi positiva, negativa, achas que te ajudou nesta carreira de professor?

P5 – É assim, eu já gostava de música, por isso acabei por gostar das aulas e do que fiz nelas, agora, se as aulas tiveram impacto na minha decisão para seguir música, eu acredito que não, isso foi muito por mim e pelas aulas que tinha na outra escola de música.

Entrevistador – É tudo então, não tenho mais nada para te perguntar, muito obrigado pela entrevista.

Entrevista 6 - (1980)

Entrevistador – Começo por lhe perguntar se se lembra de alguma atividade que mais gostou de realizar na disciplina de Educação Musical no 2º ciclo?

P6 – Não me lembro, só me lembra uma canção que era “Esta que era a moda que a Rita cantava” (começou a cantar a canção), é a única coisa que me lembro.

Entrevistador – Lembra-se de aprender a tocar algum instrumento em Educação Musical?

P6 – Zero, não havia, nada, nada, era na sala normal e o professor sentado na secretária dele. Provavelmente, o senhor ia lá ensinar umas cantigas, antigamente usava-se muito o grupo coral da escola, ensinava-se umas cantiguinhas aos meninos, lembro-me disso, instrumentos musicais eram zero, era na secretária normal portanto.. não faço a mínima ideia se havia avaliação também.

Entrevistador – Lembra-se do seu professor, características dele nas aulas?

P6 – Lembro-me da imagem dele só, um cantor lírico da altura, não me lembro de mais nada.

Entrevistador – Sendo assim, o que é que o levou a esta carreira?

P6 – Pronto, é assim, eu não tenho nenhuma formação acadêmica, assim formal, então eu, depois no 8º ano, já um bocadito mais tarde, um professor de moral apareceu com uma viola, a cantar aquelas cantigas de dar as mãos, aquelas cantigas de paz e amor (risos) e, na altura, ia para a beira dele porque ele cantava umas cantigas e esse foi o meu primeiro contacto assim com a música, depois achei aquilo engraçado e construí uma guitarra, provavelmente com formicas, não tinha ferramentas nem nada e comprar um instrumento não era fácil, era uma coisa caríssima, depois comecei a aprender com ele e foi assim que comecei a aprender o dó o ré, os acordes e foi assim, no recreio no intervalo das aulas, depois fui para o conservatório e pronto já arranjei um violino que me emprestaram, entrei no quarto grau, fiz um exame de admissão que me preparei com uma professora, mas a minha formação musical teórica, solfejo era zero, digamos que eu peguei no violino aprendi uma música do Brahms, uma cantiga de embalar de ouvido, a professora de violino lá me ensinou e eu entrei, mas depois no conservatório não dava conta do recado. Eu associava as notas conforme o som que saía do violino e imitação. Tive aulas de análise e composição com o Cândido Lima e eu não percebia nada daquilo (risos). Depois apareceram os cursos do Wuytack, do pedagogo, e eu fiz aquilo de três anos, fazia-se três anos e aquilo dava assim uns “diplomazitos”, mas aprendi muito em termos de instrumental Orff, técnica e repertório porque não havia repertório nenhum, a gente não tinha acesso a material e com ele lá com três livritos, entusiasmei-me e comecei a ensinar, “tá tudo” (risos).

Entrevistador – Muito obrigado por ter partilhado comigo o seu percurso e a sua experiência ao longo da sua vida enquanto professor.

Entrevista 7- (1990)

Entrevistador – A primeira pergunta que te quero fazer é que atividades é que mais gostaste de realizar em Educação Musical no 2º ciclo?

P7 – (Risos) A minha experiência em Educação Musical foi muito neutra, aquela atividade que te posso dizer que me lembro minimamente porque foi a única que gostei mesmo, foi que no 6º ano, participei no coro do hino que a escola fez, lembro-me que a professora pôs toda a gente a cantar para ver quem cantava bem, lembro-me que quando foi a minha vez que me esforcei ao máximo

possível e entrei no coro e chegamos a fazer uma pequena apresentação que foi uma coisa engraçada, de resto lembro-me de tocarmos flauta.

Entrevistador – E que atividades é que menos gostaste de fazer?

P7 – As que menos gostei de fazer (risos), menos é favor, nós fizemos no 5º ano uma atividade que foi uma música do macaco Adriano do “Big Show Sic”, não sei se chegámos a pintar a cara de preto, vestimos sacos do lixo preto e eu não queria fazer aquilo, era uma vergonha, não sei se os meus colegas pensam a mesma coisa, mas não gostei nada disso, foi uma vergonha, vestido de saco do lixo por aí a fazer músicas do macaco Adriano.

Entrevistador – Só aprendeste a tocar flauta?

P7 – A ideia que tenho é que a minha escola não tinha instrumental Orff, posso estar enganado, mas a ideia que eu tenho é que a minha sala era em U e a professora tinha um órgão e era só isso. Tocávamos flauta, ela tocava órgão e era isso.

Entrevistador – Que peças aprendeste a tocar?

P7 – Só me lembro do balão do João (risos).

Entrevistador – Lembras-te de canções que possas ter cantado?

P7 – Lembro-me de cantarmos “A ribeira vai cheia” e uma que era “O Lacrau” acho eu, mas se me pedires para cantar, eu já não sei como era (risos). De certeza cantávamos as peças da flauta, mas não me lembro.

Entrevistador – Vocês tinham manual?

P7 – Se tínhamos manual, eu nunca o vi (risos).

Entrevistador – Lembras-te se a professora levava música para as aulas para vocês ouvirem, ou simplesmente só ouviam aquilo que fossem tocar?

P7 – Eu acho que era mais peças que fossemos tocar, uma coisa era ela tocar no teclado, mas no nosso tempo, raramente havia material para mostrar música. Qualquer coisa, a professora tocava no piano e cantava. No máximo dos máximos, na altura era uma prática comum, era haver um rádio que dava para cassetes.

Entrevistador – Faziam atividades de criação musical, mesmo não tendo instrumentos Orff?

P7 – Não, criação musical, se fizemos, não tenho a mínima memória disso, se fizéssemos eu acho que me lembrava (risos).

Entrevistador – Acerca do teu professor, lembras-te se motivava os alunos a participar nas aulas?

P7 – Eu não posso falar pelos outros, mas posso falar por mim, a mim não me motivava nada, mesmo zero, só mesmo a questão do tal hino, isso motivou-me, tinha gosto em participar nisso, mas não sei se tens alguma pergunta em relação a isto, mas eu digo já, eu não sou músico por causa de Educação Musical (risos) isso é certinho.

Entrevistador – Lembras-te de alguma característica do teu professor? Métodos de ensino, ou como vocês aprendiam, se era leitura, imitação, repetição?

P7 – Ora bem, só tenho ideia de a professora escrever no quadro, tenho ideia de ser muito mais teórico, para aprender flauta nós liamos partituras, tanto que eu tinha dificuldades nisso, eu escrevia o nome da nota por baixo (risos).

Entrevistador – Pronto, já respondeste ao bocado à última pergunta, se a tua experiência em educação musical foi positiva ou negativa, mas podes falar um pouco mais sobre isso?

P7 – Eu usei a palavra neutro, não me fez gostar nem mais nem menos de música, eu ouço música desde miúdo, quem fala com a minha mãe, sabe que eu empoleirava-me em cima do sofá a imitar o Freddie Mercury, desde miúdo que adoro Queen (risos) e das minhas maiores memórias musicais, não são aulas de música, é mais de ir no autocarro em visitas de estudo, enquanto que os meus colegas pediam ao condutor para pôr cassetes da Britney Spears e essas coisas e eu levava o meu Walkman e levava a minha cassette dos Queen, era o que eu mais ouvia e acabava

por me separar da turma. As aulas de Educação Musical, como música não teve um impacto positivo, agora como pessoa que gosta de música, foi um impacto neutro, não me acrescentou nada.

Entrevistador – Obrigado pela tua disponibilidade para fazer esta entrevista.

P7 – Obrigado eu pelo convite, espero que te ajude em alguma coisa!

Entrevista 8 - (2000)

Entrevistador – Para começar quero perguntar-te que atividades mais gostaste de realizar em Educação Musical no 2º ciclo?

P8 – Lembro-me de uma em que estávamos a tocar uma música de flauta e estavam todos a tocar muito bem, menos eu porque não levei flauta nesse dia (risos), mas gostei de ver, não posso dizer que tenha assim alguma coisa que me tenha marcado porque a ideia que eu tinha era que as músicas que se abordavam não iam de encontro àquilo que gostava e eu na altura já tinha um gosto musical forte, já gostava de música mais pesada e assim.

Entrevistador – E atividades que menos gostaste?

P8 – Hmm.. ler pautas e tocar ao mesmo tempo. (risos)

Entrevistador – Tiveste algum instrumento que gostaste de aprender nas aulas?

P8 – Sinceramente não, era só flauta por isso não posso dizer que sim.

Entrevistador – Lembras-te de alguma peça que tivesses interpretado no 2º ciclo?

P8 – (Risos) Estás a gozar comigo (risos), o hino da alegria, as pombinhas da Catrina também e acho que foi só isso.

Entrevistador – E canções que aprendeste a cantar? Vocês cantavam nas aulas?

P8 – Sim, havia a do Rui Veloso (cantou “Não há estrelas no céu”), mas lembro-me que pronto olha, isso foi uma experiência positiva, gostava muito de cantar essa música.

Entrevistador – O professor costumava mostrar-vos música para vocês ouvirem?

P8 – Daquilo que eu me lembro, foi no 7º ano tínhamos uma professora de música que tinha umas abordagens diferentes, lembro-me que fazíamos muitos trabalhos e fazíamos muitas audições sobre os artistas e até houve uma altura em que ela disse para nós levarmos cd's de casa e eu levei do Bob Marley e fizemos um trabalho sobre isso e eu achei muito interessante, nos outros não me lembro de fazermos essas audições, é claro que tinha aquelas músicas que tínhamos de aprender, mas agora não me lembro de termos feito assim muita coisa.

Entrevistador – Vocês faziam atividades de criação musical, ou seja, improvisação e composição?

P8 – Não, (pensativo) não. Nós não tínhamos instrumentos Orff, foi sempre flauta e apenas tocávamos as músicas da aula. Ah e tínhamos kazoo (risos).

Entrevistador – Agora falando sobre os professores que tiveste, eles motivavam os alunos a participar nas aulas? Eram professores que se interessavam?

P8 – O primeiro professor que tive no 5º ano não tive muito boa impressão dele, no entanto até foi um bocado por ele que fiquei com interesse em tocar guitarra, ele tocava guitarra e uma vez ele levou-a com ele e mostrou-nos algumas coisas e tocava algumas coisas engraçadas, mas ele era muito rígido. No 6º ano, sentia que a professora não tinha muita dinâmica. No 7º ano, aí senti que ela nos motivava pelo menos a procurarmos coisas que nós gostávamos e procurar mais coisas acerca disso, não só a música, mas sabermos contextualizar a época e coisas assim.

Entrevistador – Sem ser a parte de motivação, lembras-te de mais alguma característica dos teus professores?

P8 – Eu tenho ideia que não tinha nada a ver com aquelas coisas que nós fazemos agora, eu sentia que não havia assim um grande entusiasmo em trazer coisas novas, músicas diferentes, tomar atenção àquilo que nós gostamos, eles seguiam muito o programa, se me lembro, nunca vi eles a

trazerem material deles próprios, avisa-me se estiver a fugir à pergunta, a informação sobre os outros países não lhes chegava como chega a nós naquela altura, daí que eu também acho que eles não saiam da zona de conforto deles que até devia ser uma zona bastante difícil de chegar não é, conservatório era exigente, mas lá aquilo que eles aprendiam no conservatório não estava adaptado à Educação Musical, era um ensino muito específico.

Entrevistador – Para terminar, a tua experiência enquanto aluno de Educação Musical no 2º ciclo foi positiva ou negativa?

P8 – Eu acho isso muito curioso porque se fosse pelas aulas de Educação Musical, eu acho que não teria seguido, na verdade eu acho que foi um gosto inato, foi de saber exatamente aquilo que queria fazer, eu gostava simplesmente de tocar, claro que depois as tuas ideias sobre aquilo que queres fazer surgem mais tarde, mas desde que comecei a tocar nunca mais parei, mas não acho que tenha sido pelas aulas de Educação Musical, mas sim pelo ensino não formal, ou seja, fora da escola que era onde eu estava a aprender.

Entrevistador – Pronto, obrigado por teres aceitado esta entrevista que me vai ajudar muito de certeza.

P8 – De nada, sempre que precisares, não tem problema nenhum, abraço!

ESCOLA
SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

M

MESTRADO
ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO

**Evolução da Educação Musical, em
Portugal, no 2º ciclo do Ensino Básico**

1º ano - Manual Novo - Caminho Madeira

